

DE HOVRE E A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

L. VAN ACKER

**Um dos maiores
filósofos e
pedagogos cató-
licos modernos**

“Pedagogia prática não falta” escreveram Tristão de Athayde, “pois a experiência pedagógica dos católicos é imensa, embora nem sempre bem aproveitada. Mas, do que precisamos urgentemente é de sistematização filosófica dos nossos princípios pedagógicos”. Concordando plenamente com essas palavras, resolvemos propor o exemplo brilhante do dr. De Hovre, um dos mais ilustres entre os representantes católicos da actual filosofia pedagógica. Por certo, já conhecem os leitores as duas obras de reputação mundial: “Filosofia Pedagógica” e “O Catolicismo, seus pedagogos, sua pedagogia”. Mas, isto mesmo lhes será um motivo de colher informações complementares sobre uma obra em grande parte escrita na língua um tanto inacessível de Ruysbroek, Rubens, Rembrandt, Grotius, Lorentz, Van't Hoff, Van der Waals, Hugo de Vries, Ligthart, Albers, Van Ginneken e tantos outros. (1)

**Vida e obras
preliminares.**

Nasceu Frans De Hovre em Audeghem (Flandres) no ano de 1884. Em 1903, terminou o curso de humanidades, escolhendo o sacerdócio. Desde a entrada nos estudos eclesiásticos, foi mandado pelos superiores para o Instituto filosófico da universidade de Louvain, onde se doutorou, sob a direcção de Mons. Mercier que o levou a estudar especialmente as obras de O. Willmann, o crítico autorizado do individualismo de Rousseau e Herbart. Num estudo porfiado de

(1) — Como introdução á história da cultura flamenga ou neerlandesa, recomendamos: “A Glance at the soul of the low Countries”, by dr. Jul. Persyn, Londres, R. & T. Washbourne, 1916.

Tudo isso, porem, é a acção normal das forças de desintegração nacional, dos elementos confessos ou mascarados de anti-christianismo, que temos de enfrentar de viseira erguida. O momento é de lucta e não de unanimidade. O decreto de 30 de Abril é apenas o vislumbrar remoto do ideal que temos de atingir. Nosso dever de catholicos é apoiá-lo sinceramente, sem desfallecimentos, apesar dos defeitos graves que tem e de disposições, como a do artigo final, que tornam mais que precaria a victoria agora obtida contra o sectarismo laicista que ha quarenta annos nos opprime.

Mãos á obra, porem. Se o decreto é imperfeito, tratemos de melhora-lo. Se as forças de negação christã e nacional, se levantam, tratemos de convencel-as ou de vencel-as. Se o reconhecimento dos direitos do catholicismo, como a religião da propria nacionalidade, ainda é desconhecido por um Estado Liberal e Burguez, incapaz de uma finalidade espiritual propria, tratemos de nos organizar, de iniciar sem demora a execução pratica do decreto, para que o Estado reconheça a força espiritual e material que nós representamos.

A tarefa que se abre agora para o catholicismo brasileiro é certamente a mais consideravel de todas as que se lhe têm proposto desde a proclamação da Republica. Silenciemos, portanto, a nossa insatisfação pelos termos do decreto; calemos, por ora as nossas inquietações sobre o seu destino; abafemos todos os resentimentos pessoais, — para nos entregarmos, no terreno pedagogico, á organização dessa primeira e pequena victoria alcançada, que está em nossas mãos converter em um triumpho decisivo para a causa do Brasil e da Igreja de Christo.